

DIÁRIO PÓSTUMO DE UM FLEXÍVEL¹

Luciano GALLINO
La Repubblica, 20/02/2002

Os historiadores da civilização italiana do terceiro milênio têm feito um importante passo adiante com a descoberta do diário de um desconhecido que viveu nas primeiras décadas daquela época. Um exame preliminar do seu conteúdo induz a deduzi-lo como obra de um “homem flexível”, categoria numerosa naquele tempo. De fato, dispomos já de um acervo considerável de documentos relativos ao Culto da Flexibilidade então difuso. Artigos, ensaios, fósseis de programas de televisão, pergaminhos de acordos internacionais como aquele famoso entre a Itália e a Grã-Bretanha do início do milênio, atestam como a veneração da Flexibilidade fosse uma das principais ocupações daquela população. Em todos os setores da vida social, cultural, política, até econômica, ela parecia antepor tal culto a todo outro empenho ou pensamento. Em nome da verdade, os historiadores não conseguiram ainda apurar se a Flexibilidade fosse considerada, ou se quisesse fazer crer que assim fosse, espírito, substância, pessoa, arquétipo coletivo ou discurso publicitário. Este diário de um homem que praticava a Flexibilidade, por convicção ou obrigação, permite de qualquer maneira compreender melhor qual incidência ela possuía na vida cotidiana. O diário cobre um período de muitos anos. Reproduzimos algumas partes.

Outubro 2001. A flexibilidade me agrada. Deixa-me livre para organizar o meu tempo. Sou independente. Ulteriormente deparo com faces novas. Trabalhar em fábricas sempre diversas é uma bela experiência. Enriquece a minha capacidade profissional e me permite ainda empregá-la melhor. É verdade que hoje ainda devo pedir dinheiro aos meus pais para ir à discoteca, porque entre um trabalho e outro talvez demore alguns meses. Mas em suma, se penso naqueles que têm passado suas vidas no mesmo tedioso trabalho, estou muito mais satisfeito.

Junho 2005. A empresa em que trabalhei três meses renovou o contrato por outros seis. Justo um par de dias antes que ele terminasse. É certo que me apreciaram. Claro que se me dissessem um pouco antes eu os teria agradecido, porque economizaria em não ter de procurar as agências e passar noites na Internet para ver se encontrava um outro trabalho.

Janeiro 2006. A minha companheira S. gostaria de ter um filho. Eu também gostaria. Mas ela é ainda uma flexível – está fazendo um tempo parcial – e se algo acontecer e estivermos todos os dois sem trabalho, entre um emprego e outro, não o faremos. Portanto melhor esperar. Somos ainda jovens.

Março 2009. A empresa em que trabalho por seis meses renovou o contrato por outros três. O chefe do pessoal diz que por agora, devido o prognóstico do mercado sobre os seus produtos, não se pode fazer nada mais. Mas me convidou a ter esperança. Outros tiveram antes ou depois o tempo indeterminado. Visto que aonde trabalho somos ao menos duzentos, pergunto quantos são. Poderia ser até vinte por cento, responde, dizendo dois ou três nomes.

¹ Tradução: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Departamento de Sociologia - Programa da Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901 - zuin@fclar.unesp.br

Maio 2010. Junto com S. fomos ao banco. Gostaríamos de comprar uma pequena habitação (alloggetto). Mesmo que por fim não trabalhamos em média mais de oito ou nove meses ao ano, poupamos bastante. Mas ainda temos a necessidade de um empréstimo ou de uma hipoteca. A funcionária nos convida a sentar, fez algumas perguntas, e depois disse que não era possível. Os empréstimos ou as hipotecas são concedidos somente para quem tem um trabalho estável. Para nos consolar, confia que nem mesmo ela, funcionária do banco, poderia ter uma hipoteca. Ela é uma temporária.

Novembro 2014. Depois de sete renovações consecutivas de vários tipos de contrato – um par de temporários, três ou quatro por tempo determinado, outros dois de CCC (de colaboração coordenada) – a empresa me propôs um contrato por tempo indeterminado. Em troca me pediu somente, por causa da flexibilidade, de estar disposto a trabalhar por turnos, seis horas em qualquer intervalo entre as 7 e as 24, em qualquer dia, sábado e domingo inclusive. Toda semana o horário do turno pode mudar. Naturalmente eles se encarregam de dizer qual será o meu horário com ao menos dois ou três dias antecipadamente. Naturalmente aceitei.

Janeiro 2015. Soube por um bilhete de S. – agora fazemos turnos com horários diversos, assim que deixamos mensagens na porta da geladeira – que o médico disse a ela que se quiser ter um filho deveria engravidar. Aos 35 anos uma mulher é velha para ter o primeiro filho. Ela própria está ainda indecisa. Agora ela tem um CCC, mas está por acabar e não tem ainda encontrado outro. E se ela não trabalha não pagamos o aluguel, nem mesmo o leito em pó e uma ajudante (tata). Deveria existir uma lei própria para as mães flexíveis.

Julho 2016. Minha mãe queria saber com precisão qual trabalho faço. É para dizer aos parentes, aos amigos que pedem notícias. Afirma que a colocam em mal-estar por não saber responder que seu filho, dizendo assim, é eletricitista ou empregado no cartório, ou desenhista de folhetos. Queria saber responder, porque agora tenho um aspecto envelhecido. O fato é que, depois de tantos trabalhos, nem eu sei quem sou, que coisa sou. Há algum tempo, sinto-me mal das costas. Marquei uma consulta.

Julho 2018. Dado que é preciso ser previdente, procurei uma especialista para saber quanto seria a minha aposentadoria. Falou sobre junções, caixas separadas, regime contributivo, e do erro de ter mudado tantas vezes de trabalho e fábrica. Posso esperar, em conclusão, uma aposentadoria próxima a cerca de um terço daquilo que recebo ao mês, quando trabalho. Mas com uma aposentadoria próxima a cerca de um terço do salário não se vive. Assim lhe perguntei que coisa deveria fazer para aumentá-la. Disse que deveria investir um terço daquilo que ganho em um fundo de investimentos.

Setembro 2018. Não consegui ainda ir ao médico. Toda vez que marco uma consulta, ocorre que estou de turno.

Dezembro 2018. A empresa, na qual sentia que estava andando bem, me dispensou. Protestei recordando que o meu contrato era por tempo indeterminado. Explicaram-me gentilmente que desde quando o estatuto dos trabalhadores foi abolido, indeterminado significa somente que a empresa é quem decide quando o contrato termina.

Mês ilegível de 2022. Este ano consegui trabalhar apenas seis meses. As empresas não me querem porque, na minha idade, não tenho suficiente formação. Os jovens que saem agora da escola estão melhores preparados e flexíveis. Felizmente, na fábrica em que trabalho agora reencontrei F., ex-colega de escola. É chefe de setor, um homem importante. Perguntei a ele como conseguiu fazer carreira. Bem, disse, procurei permanecer na mesma fábrica o maior tempo possível. Se um salta daqui para ali, de um trabalho a outro, jamais o promovem. Compreende?

Termina aqui, por ora, o diário de um homem flexível. Como bem sabem os historiadores, ainda estão envolvidas pelo mistério as causas do rápido declínio da civilização italiana do terceiro milênio dC. A hipótese de um envenenamento coletivo por chumbo nos condutores de água, já levantada para explicar a queda de uma civilização florescida no mesmo território 15-20 séculos atrás, foi descartada pelas pesquisas feitas por nossos super-espectrógrafos de massa. Mas, baseado nesta última descoberta, nos parece razoável supor que o culto da Flexibilidade, distraíndo hipnoticamente os chefes e as massas de todo outro fim existencial, tenha tido um peso não irrelevante para o declínio. As nossas pesquisas sobre este fascinante tema prosseguem.

(20 febbraio 2002) *La Repubblica*

Diario postumo di un flessibile

di **LUCIANO GALLINO**

GLI STUDI storici sulla civiltà italica del terzo millennio hanno fatto un importante passo avanti con la scoperta del diario d'uno sconosciuto vissuto nei primi decenni dell'epoca. Un esame preliminare dei suoi contenuti ci ha indotto a ritenerlo opera d'un "uomo flessibile", categoria numerosa a quei tempi. In effetti disponevamo già d'una massa ragguardevole di documenti relativi al Culto della Flessibilità allora diffuso. Articoli, saggi, fossili di filmati tv, pergamene d'accordi internazionali come quello famoso tra Italia e Gran Bretagna di inizio millennio, attestano come la venerazione della Flessibilità fosse una delle occupazioni principali di quelle popolazioni.

In ogni settore della vita sociale, culturale, politica, financo economica, esse parevano anteporre tale culto ad ogni altro impegno o pensiero. Per la verità, i ricercatori non sono finora riusciti ad appurare se la Flessibilità fosse creduta essere, o si volesse far credere che fosse, spirito, sostanza, persona, archetipo collettivo o logo pubblicitario. Questo diario d'un uomo che pare praticasse la Flessibilità, per convinzione o per obbligo, permette comunque di comprendere meglio quale incidenza essa avesse nella vita quotidiana. Il diario copre un arco di parecchi anni. Ne riportiamo alcuni brani.

Ottobre 2001. *A me la flessibilità piace. Mi lascia libero di organizzare il mio tempo. Sono indipendente. E poi si incontrano facce nuove. Lavorare in aziende sempre diverse è una bella esperienza. Mi arricchisce la professionalità e mi permette anche di spenderla meglio. È vero che ogni tanto devo chiedere soldi ai miei per andare in discoteca, perché tra un lavoro e l'altro magari passa qualche mese. Ma insomma, se penso a loro che han passato tutta la vita nello stesso barboso posto, io son molto più soddisfatto.*

Giugno 2005. *La ditta in cui ho lavorato tre mesi m'ha rinnovato il contratto per altri sei. Giusto un paio di giorni prima che scadesse l'altro. Si vede che mi apprezzano. Certo che se me lo dicevano un po' prima avrei gradito, perché mi risparmiavo di girare le agenzie e passare nottate in Internet per vedere se trovavo un altro lavoro.*

Gennaio 2006. *La mia compagna S. vorrebbe fare un figlio. Pure a me piacerebbe. Però è anche lei una flessibile - sta facendo un tempo parziale - e se dovesse capitare che restiamo tutti e due senza lavoro, tra un impiego e l'altro, non ce la faremmo. Dunque meglio aspettare. Siamo ancora giovani.*

Marzo 2009. La ditta in cui lavoro da sei mesi m'ha rinnovato il contratto per altri tre. Il capo del personale dice che per adesso, in attesa del giudizio dei mercati sui loro prodotti, non possono fare di più. Ma invita ad avere fiducia. Altri hanno avuto prima o poi il tempo indeterminato. Visto che dove lavoro io siamo almeno duecento, gli domando quanti sono. Potrebbero essere addirittura il venti per cento, risponde, facendomi due o tre nomi.

Maggio 2010. Insieme con S. sono andato in banca. Vorremmo comprarci un alloggetto. Anche se alla fine non lavoriamo in media più di otto o nove mesi all'anno, guadagniamo abbastanza. Però avremmo bisogno d'un prestito o d'un mutuo. L'impiegata sta a sentire, fa qualche domanda, poi dice che non si può. I prestiti o i mutui si concedono soltanto a chi ha un lavoro stabile. Per consolarci ci confida che nemmeno lei, impiegata di banca, potrebbe avere un mutuo. È una temporanea.

Novembre 2014. Dopo sette rinnovi consecutivi di vari tipi di contratto - un paio di interinali, tre o quattro a tempo determinato, altri due CCC, cioè di collaborazione coordinata - la ditta mi ha proposto un contratto a tempo indeterminato. In cambio mi chiede soltanto, per via della flessibilità, di rendermi disponibile al lavoro a turni, sei ore comprese in un qualsiasi intervallo tra le 7 e le 24, in qualunque giorno, sabato e domenica inclusi. Ogni settimana l'orario del turno può cambiare. Naturalmente loro si impegnano a farmi sapere quale sarà il mio orario con almeno due o tre giorni di anticipo. Naturalmente ho accettato.

Gennaio 2015. Ho saputo da un biglietto di S. - adesso facciamo turni con orari diversi, così ci lasciamo messaggi sulla porta del frigorifero - che il medico le ha detto che se vuole avere un figlio dovrebbe sbrigarsi. A 35 anni una donna è anziana per avere un primo figlio. Lei però è ancora indecisa. Adesso ha un CCC, ma sta per scadere e non ha ancora trovato altro. E se non lavora lei non paghiamo l'affitto, altro che il latte in polvere e una tata. Ci vorrebbe una legge apposta, per le madri flessibili.

Luglio 2016. Mia madre vorrebbe sapere con precisione quale lavoro faccio. Per dirlo ai parenti, agli amici che chiedono notizie. Sostiene che la mette a disagio non poter rispondere che suo figlio, per dire, fa l'elettricista, o l'impiegato all'anagrafe, o il disegnatore di dépliant. Vorrei risponderle, perché ormai ha l'aria proprio vecchia. Il fatto è che, dopo tanti lavori, non lo so nemmeno io chi sono, che cosa sono. Da qualche tempo mi fa male la schiena. Ho prenotato una visita.

Luglio 2018. Dato che bisogna essere previdenti, ho chiesto a un'esperta a quanto potrebbe ammontare la mia pensione. M'ha parlato di ricongiungimenti, casse separate, regime contributivo, e dello sbaglio d'aver cambiato tante volte lavoro e azienda. Posso aspettarmi, in conclusione, una pensione pari a circa un terzo di quello che prendo al mese, quando lavoro. Ma con una pensione pari a un terzo dello stipendio mica si vive. Quindi le ho chiesto cosa dovrei fare per aumentarla. Dovresti investire almeno un terzo di quello che guadagni in un fondo integrativo, ha detto.

Settembre 2018. Non sono ancora riuscito ad andare dal medico. Ogni volta che faccio la prenotazione, capita che sono di turno.

Dicembre 2018. La ditta, di cui ho sentito che sta andando benissimo, mi ha licenziato. Ho protestato, ricordando che il mio contratto era a tempo indeterminato. M'hanno spiegato gentilmente che da quando lo statuto dei lavoratori è stato abolito, indeterminato significa soltanto che è l'azienda a decidere quando il contratto termina.

(Mese illeggibile del 2022). Quest'anno sono riuscito a lavorare soltanto sei mesi. Le aziende mi fanno difficoltà perché, alla mia età, non ho abbastanza formazione. I giovani che arrivano adesso dalla scuola sono più preparati e flessibili. Per fortuna nell'azienda in cui lavoro adesso ho ritrovato F., ex compagno di scuola. È diventato capo settore, un uomo importante. Gli ho chiesto com'è riuscito a far carriera. Beh, dice, ho cercato di restare nella

stessa azienda il più a lungo possibile. Se uno salta di qua e di là, da un posto all'altro, mica lo promuovono. Ti pare?

Chiudiamo qui, per ora, il diario dell'uomo flessibile. Come ben sanno gli storici, le cause del rapido declino della civiltà italica del terzo millennio d. C. sono tuttora avvolte dal mistero. L'ipotesi d'un avvelenamento collettivo da piombo delle condotte d'acqua, già affacciata per spiegare il crollo d'una civiltà fiorita nello stesso territorio 15-20 secoli prima, va scartata in base alle indagini compiute con i nostri super-spettrografi di massa. Ma sulla base di quest'ultimo ritrovamento, ci pare lecito ipotizzare che il culto della Flessibilità, distraendo ipnoticamente i capi come le masse da ogni altro fine esistenziale, abbia avuto in tale declino un peso non lieve. Le nostre ricerche su questo fascinioso tema proseguiranno.

(20 febbraio 2002) *La Repubblica*

Luciano Gallino

João Carlos ZUIN

Luciano Gallino nasceu em Turim em 1927. Leciona sociologia na Universidade de Turim desde 1965, recebendo em 1971 o título de professor emérito. Seu interesse intelectual é amplo e variado, envolvendo investigações sobre as novas relações entre a produção e o trabalho, o processo tecnológico e o uso da informática, as relações entre a economia nacional e a globalização econômica. Dirige desde 1968 a revista *Quaderni de Sociologia* e colabora atualmente no jornal *La Repubblica*. Autor do *Dizionario de Sociologia* (1978, publicado no Brasil) e de um *Manuale di Sociologia* (1997), suas principais obras são: *Personalità e industrializzazione* (Loescher, 1968), *Informatica e qualità del lavoro* (Einaudi, 1985), *Globalizzazione e disuguaglianze* (Laterza: 2000), *Il costo umano della flessibilità* (Laterza, 2005), *Italia in frantumi* (Laterza, 2006), *Tecnologia e democrazia. Conoscenze tecniche e scientifiche come beni pubblici*, (Einaudi, 2007), *L'Impresa irresponsabile* (Einaudi, 2009), *Il lavoro non è una merce. Contro la flessibilità* (Laterza, 2009).